

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
ANNO 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 7 DE NOVEMBRO 1886

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

O AMOR

(Continuação)



Psychologia guardava finalmente o AMOR—«essa aza que Deus deu á alma para subir até elle», como diz Miguel Angelo; «essa aspiração santa da parte mais etherea da nossa alma para o desconhecido», na phrase de Jorge Sand; «esse orvalho purissimo que desce do ceu sobre o nosso coração, quando Deus quer», na opinião de Arsenio Houssaye; «essa gôta celeste que os ceus lançaram no calix da vida para adoçar a sua amargura», no dizer de Rochester; enthesoírava essa antiga reliquia no «Gabinete reservado da Pudicicia», para que o mal contagioso dos sensualistas lhe não manchasse a virgindade, nem lhe enxovalhasse as petalas de açucenas onde os psychologistas tinham escripto os seus tractados amorosos n'uns capitulos de lyrismo delambido; n'uns paragraphos longos de ais e suspiros... Afinal, de nada lhe valeu o seio materno da velhota Psychologia! Os poetas, uns más-linguas, levados por um espirito de modernismo, ou por um capricho de eschola, invocando emphaticamente, como arma defensiva d'esse desvario, «a evolução do Espirito humano», passaram á porta d'aquelle sanctuario sagrado e começaram a insultar o pobre do Cupidito, creança imberbe, inoffensiva, chamando-lhe piegas, chorineas, e soltando gargalhadas sarcasticas ás lagrimas d'aquelle menino sentimental e ao platonismo das suas doutrinas. Aconselharam-lhe beijos humidos de tricannas, xarope de Gibert e convidaram-n'o a vir com elles á orgia para vêr o que era— a sociedade moderna.

A creança ficou na mesma; não fez caso dos sarcasmos dos poetas; chamou-lhes

«visionarios d'escola», até que a Sciencia, mais séria e grave que a Poesia, sem sarcasmos nem inectivas insultantes entrou serenamente no seu gabinete perfumado de castidade. Lá estava elle o consciente de possuir um reinado de gloria, eterno como o seu nome.

A' semelhança do Balthasar da Biblia allucinado na bacchanal de Babylonia, cercado de amantes e de vinho, lá estava o Cupido rodeado de virgens phantasticas, n'um banquete celestial, bebendo gotas de orvalho por calices de lyrios, e chupando beijos de brisas por labios de romã, ao mesmo tempo que cantavam umas notas melancolicas e sentimentaes como as sonatas de Beethoven e recitavam versos de Lamartine e Bernardim Ribeiro.

Eis que no meio d'este banquete delirante, uns dedos mysteriosos escrevem na parede estas terriveis palavras da Biblia: MANÉ THECEL-FARES que um Daniel do seculo XIX interpretou:—AMOR, (MANÉ) estão contados os dias do teu reinado;—THECEL—tu foste pezado e achou-se que tinhas menos, já não tinhas posses para sustentar o teu reinado;—FARES—o teu reino será dividido pelos sensualistas e naturalistas. O Amor desmaiou nos braços de uma das pequenas.

(Continua.)

BRAULIO CALDAS.



LUCIA GENTIL

Estimamos e admiramos ao mesmo tempo o progresso da saúde d'esta distincta «senhora», que nos leya a acreditar na celebração de preces, a seu favor, no precioso sanctuario de alguma donzella; pois que, já hoje adorna com a sua amena collaboração as columnas do nosso jornal.

As nossas felicitações a tão «gentil senhora»

A'S CRIANÇAS

Eu tenho pelas creanças
Um affecto singular,
E, não gostando de danças,
Gosto de vê-las dançar;

Talvez por que não desgastam
Os vestidinhos que trazem,
Como suas maninãs fazem
As longas caudas que arrastam.

Embuçados em capotes
Não gosto de vêr fedelhos,
Mas gosto dos rapazotes
Com calças pelos joelhos;

Talvez porque não precisam
De trazer arregaçadas,
Como os papás, nas estradas,
As calças, se lama pizam.

Eu gosto das creancinhas,
São a minha tentação,
Quer tragam saias curtinhas,
Calças curtas ou calção.

É que esses lindos pequenos,
As meigas creaturinhas,
Se gastam botões e linhas,
Em fazenda levam menos.

F. C.

←====→

P E R F I L

Por entre esse bando de mulheres bonitas, que nas mornas tardes de inverno apparecem no jardim a gosarem os raios solares que se distendêm sobre os verdejantes arrelvados; não é ella, a que menos se distingue pelos primores com que a natureza a mimoseou.

Não.

Aquelle rosto ovalino de um branco de cecem, levemente rosado, tem a attração das formosuras que dominam.

Os cabellos de um louro-escuro, muito finos, muito soltos, faz-nos lembrar as bellas frentes das meigas filhas da glacial Escocia.

Os olhos formosos, encimados por duas bem arqueadas sobranceiras muito espessas, têm sempre a candidez que seduz, o brilho que fascina.

E' menos que alta; mas, no pouco elevado da estatura ha a elegancia do perfeito em cadencial rima com o bello das contornações muito pronunciadas.

Ainda ha pouco tempo era uma creança muito alegre, que gostava muito de «bouquets» todos catitas; e, hoje é uma das damas mais distinctas da nossa elegante sociedade.

Chama-se . . .

Curiôsas

Lucia Gentil.

—•••••—

AS FLORES BRANCAS

A' MINHA AMIGA GLORIA S. DE MORAES

VI n'uma manhã de primavera, que a vi pela primeira vez, sentadinha n'um banco, á entrada da praça das flores. Tinha então oito annos, a raparigueta, e era uma adoravel creança, ainda mais sympathica e graciosa do que bonita. A intemperie das estações, crestara-lhe ligeiramente a alvura do rosto, e avivara-lhe o carmin das faces. Os labios sempre desunidos n'um sorriso gaiato, mixto encantador de graça e malicia, deixavam ver uns dentitos miudos. Mas, o que mais embelesava aquelle rostinho bonito eram uns olhos bem rasgados, pretos, brilhantes, e singularmente travessos. Eram um feitiço aquelles olhos, porventura os mais formosos que tenho visto.

A pequena vestia um singelo roupão de chita, muito lavado; a cabecita não carecia de adorno, porque Deus a dotára de uns formosos cabellos amela-dos, de um louro cendrado muito distincto. Não era uma vadia, como quasi todas as creanças da sua idade; era ramalleteira. Tinha ao lado, n'um açafate, uns ramitos de diversas flores, que vendia aos que passavam. Mereciam-lhe porem particular cuidado, umas floritas brancas que tinha soltas, n'um açafatinho mais pequeno, e que por muito procuradas, ella vendia por bom preço.

Dorn
Avel
TendA sua
Aia
EstendFoi assi
A doce P
SorrindoE desejei
Uma lyra
P'ra cantar

201

Desde o
corrente faze
Dia 14—
de Almeida.
Dia 19—
Sampaio.

Um dia, quando entre nós se estabelecera já a intimidade, perguntei-lhe porque eram tão apreciadas as taes flores. Ficou muito admirada da minha ignorancia! Como, disse-me ella, pois não sabe o que aquellas flores valem? Não sabe que ellas dão alegria a quem as traz comsigo? Fiquei pasmada! Pois aquella pequenita vendia a alegria, e eu, na minha deploravel ignorancia, ia todos os dias assistir áquella venda, e não tinha tido ainda a coragem de despender uns reles cobres para a comprar? Que teria pensado de mim a mihi amiga ramalheteira? Julgar-me-ia uma avarenta, incapaz de gastar dous reaes, ainda para comprar a felicidade? Eu, que era capaz de comprar não só as flores mas até a dona, se ella quizesse vender-se!

(Continua)

VIRGINIA D'ABREU

BEATRICE

A JOSE PINHEIRO

Dormia recostada n'um *divan*
Avelludado, bello, deslumbrante,
Tendo a face apoiada sobre a mão.

A sua trança loira, vaporosa,
Afangava-lhe o peito palpitante,
Estendendo-se sobre elle preguiçosa.

Foi assim que eu a vi sonhando gozos
A doce Beatriz, a loira amante,
Sorrindo-lhe ideais deliciosos.

E desejei então do realismo,
Uma lyra nervosa e palpitante,
P'ra cantar d'esses sonhos o lyrismo.

Antonio d'Almeida.

BOLETEM ELEGANTE

Desde o dia 14 até ao dia 19 do
corrente fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 14—D. Olivia Elvira Cruz
de Almeida.

Dia 19—D. Maria Anna de Mello
Sampaio.

PARABENS

Damol-os ao ex.^{mo} sr. dr. Arthur
Alberto de Campos Henriques, pelo
bom successo que teve sua ex.^{ma} espo-
sa, dando á luz uma criança do sexo
masculino, no dia 31 do mez passado.

QUEM ERA ELLA?

(NA PENHA)

(Conclusão)

E ella, a rainha das bellas, vinha
caminhando mais e mais, attrahindo e
fascinando a todos e a tudo.

Parece-me não haver ninguém,
que ao vel-a, deixe de se commover e
sentir o espirito arrebatado por sensa-
ções brandas, suaves, precipitadas e in-
definiáveis!

É que ella, vindo das regiões ethe-
rias, vem aureolada de resplandecente
claridade, que mais e mais lhe faz so-
bresahir a formosura que nos enleva;
por isso todos a desejam, todos a ado-
ram; mas, ella em todos deposita um
osculo de amizade, sem que n'este emis-
sario de amor haja mostras de mais
affectuosidade para uns do que para os
outros! Para ella tudo é igual, e se nas
possuidoras de belleza ha orgulho, ella
é simplesmente orgulhosa em repartir
egualmente as graças que a caracteri-
sam.

É exactamente por esses altiloquos
predicados, por essa maravilhosa dedi-
cação, que ella é estimada e querida por
todos os que teem a felicidade de a
ver, ou sentir os seus auspiciosos effei-
tos.

No seu apparecimento tudo a mi-
moseia com o mais cordeal agrado: as
flores agitando-se mansamente parecem
reclinar os seus odoríferos calices para
lhe offerecerem o preciosissimo nectar.

As aves, em signal de gratidão,
arremeçam ao espaço as suas mellifluas
vibrações, conseguindo formar d'esse
misto de trinados um hymno tão subli-
me e tão melodioso, que chega a causar
sensações no peito mais indolente.

Na humanidade encontra ella uma dedicação firme, impollutamente gerada por a soberania do amor e do trabalho.

Ella avança cada vez mais, de põe alegremente o primeiro beijo nas flores agrestes da montanha, depois nas verdejantes e emmaranhadas tranças dos arvoredos; desce á devesa, sobe aos jardins, entra nas aldeias, villas e cidades; e, na velocidade com que passa, recbe ainda assim os mais ternos sorrisos em retribuição aos seus seductores enlevos.

A sua apparição é um sorriso; este sorriso a claridade, a claridade o pronuncio do dia.

Eu deixando esse sublime lugar, levantava os olhos e interrogava com o pensamento o azul celeste, assim como as minhas presadissimas leitoras estão ávidas por me interrogarem com esta phrase cheia de curiosidade :

Quem era ella ?

Mas, o sol, surgindo das eminencias do levante, pertendia segredar-me com os seus aurifulgentes raios o sonoro nome de—AURORA !

Armando de Oliveira.

SONHANDO

A A. LEÃO MARTINS

Sonhei uns sonhos bellos,
Banhei no teu amor,
Estes pensares singellos,
Mais puros que a flôr.

Mas estes bons anhelos,
Aos quaes tu deste a côr,
Desfizeram-se os elos
Transformando-se em dôr.

Mataste-me a esp'rança !..
Mas eu louca creança,
Não deixo de te amar,...

Inda que se transforme,
Meu peito em dôr enorme,
Encapelado mar !...

Porto—86.

Rangel de Quadros.

IMPRESSÕES

NA ALDEIA

(Conclusão)

É REALMENTE desoladora esta solidão tão triste no meio do conjuncto tão perfeito da natureza.

As flores cedendo á força superior do elemento que as domina, deixam pender a sua haste mimosa, escondem no seu seio a belleza das suas côres e entregam-se completamente á mercê dos caprichos do vento que as açouta violentamente sem se compadecer das pobresitas que patenteam tão claramente a sua humilhação perante um inimigo tão rigoroso e ao mesmo tempo tão desapiedado.

Nós outros, simples mortaes, que vagueamos tambem á mercê dos ventos da fortuna e do destino n'uma inconstancia perduravel, sentimos profundamente tambem que no momento em que nos entregamos aos prazeres campezinos, em que a nossa vista se espraia n'um mais largo horisonte, a natureza esconde assim de nós os seus velhos enfeites, como que envergonhada da nossa presença—procurando em nuvens carregadas e sombrias um disfarce para occultar as suas bellezas provocantes e seductoras. Mas o sol vence a sua obstinação e rompendo triumphante d'entre as nuvens com quem travou rija contenda lança os seus raios beneficos e salutareos sobre a terra, vem dar vida á paisagem deliciosa, movimento ao quadro, e tudo se alegra, o tudo canta, proclamando ao universo que basta um raio de luz que o sol envia á terra para operar uma tão agradável mudança como triste e monotona era a natureza provida pela inclercencia dos ventos e chuva.

As flores levantam então a sua haste pendida, as aves entoam um magnifico hymno de graças e a nossa alma, livre da prostração que até então sentia, participa gostosamente da animação e vida que tudo respira.

—9—outubro de 86.

Typ. de GUSE.

J. F.